INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

HILDERLAN DE OLIVEIRA SOUSA

A DESIGUALDADE SOCIAL SEGUNDO A OBRA "A ORIGEM DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS", DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

TERESINA
2013

HILDERLAN DE OLIVEIRA SOUSA

A DESIGUALDADE SOCIAL SEGUNDO A OBRA "A ORIGEM DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS", DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI, como requisito parcial para obtenção do titulo de Licenciado Pleno em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Júlio Cesar Sousa de Jesus.

- Antropologia
- Antropologia Social
- ICESPI - Trabalhos Monográficos.

cod. 1539
301.2
S725d

TERESINA
2013

ICESPI - Biblioteca
10353 | 26/03/14

HILDERLAN DE OLIVEIRA SOUSA

A DESIGUALDADE SOCIAL SEGUNDO A OBRA " A ORIGEM DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS", DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI, como requisito parcial para obtenção do titulo de Licenciado Pleno em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Júlio Cesar Sousa de Jesus

Aprovada no dia 04 de dezembro de 2013

COMISSÃO EXAMINADORA

Pe. Júlio Cesar Sousa de J.
Prof. Ms. Pe. Júlio Cesar Sousa de Jesus
Orientador

Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine
Examinador

Pe. José Anchieta Arruda de Carvalho
Examinador

Dedico este trabalho, fruto do meu esforço, a toda a minha Família que ao longo dessa caminhada no Seminário sempre esteve presente ao meu lado, em especial aos meus pais: Francisco e Rosa, ao meu irmão, às minhas avós, aos meus tios e tias, assim também como a todos os meus amigos. Dedico também a todos os meus irmãos seminaristas que muito me ajudaram e me deram forças para seguir a caminhada. E em especial dedico este trabalho a Dom Alfredo, bispo de minha diocese e aos padres e grandes amigos: Eduardo, Paulo Sérgio que se tornaram também meus irmãos.

Agradeço ao Deus Todo-Poderoso pelo dom da vida e da vocação e que a cada dia me dá forças e ânimo na caminhada, agradeço à Santíssima Virgem Maria pela poderosa intercessão em minha vida. De modo especial agradeço à minha amada bisavó Rosa Pinheiro dos Santos (in memoram) por ter me ensinado a Doutrina Cristã, grande alicerce da minha caminhada. Também rendo meus agradecimentos ao amigo e irmão João Paulo pela ajuda e amizade, ao meu bispo, Dom Alfredo, à minha família, aos meus amigos, aos padres: Eduardo e Paulo Sérgio, aos padres formadores: Clodomiro, Júlio César e Gilberto, e também aos professores do ICESPI que ao longo desses anos muito me ajudaram. Que Deus os recompense!

RESUMO

Este trabalho tem como título *A desigualdade social*, e se situa no contexto de uma leitura atenta da obra *A origem da Desigualdade entre os Homens,* do filósofo genebrino Jean Jacques Rousseau. Desta forma, o trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro faz uma abordagem sobre o homem natural e suas primeiras necessidades, assim também como a desigualdade física inata a todos os homens, seu sofrimento em meio às dificuldades encontradas e a visão negativa de Rousseau sobre a sociedade. O segundo capítulo retrata a necessidade de socialização dos primeiros homens através do aparecimento da linguagem, das paixões e da propriedade privada, e por fim, no último capítulo abordar-se-á sobre a inserção do homem na sociedade atual, mostrando assim, a sociedade, o acúmulo de bens e a instauração das leis e do governo como tentativa de organização de uma sociedade desestruturada.

PALAVRAS CHAVE: Homem natural. Sociedade. Desigualdade.

ABSTRACT

This work is entitled A social inequality, and is located within a close reading of the work The Origin of Inequality among Men, Genevan philosopher Jean Jacques Rousseau. Thus, the work is divided into three chapters, the first of which is an approach to the natural man, and their primary needs, so as to physical inequality innate to all men, their suffering in the midst of difficulties and negative view of Rousseau on society. The second chapter portrays the need for socialization of the first men through the emergence of language, passions and private property, and finally, in the last chapter will address the insertion of man in society today, which demonstrates the company the accumulation of assets and the establishment of laws and government in an attempt to organize a dysfunctional society.

KEYWORDS: Natural man. Society. Inequality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....8

2 O HOMEM NATURAL E SUAS PRIMEIRAS NECESSIDADES.....10

2.1 Antropologia rousseauniana.....10

2.2 A desigualdade inata, os medos e a vida primitiva do homem.....13

2.3 A visão negativa de Rousseau sobre as primeiras sociedades e sobre as novas descobertas.....16

3 A NECESSIDADE DE SOCIALIZAÇÃO DOS PRIMEIROS HOMENS.....19

3.1 A linguagem como fonte de novas descobertas.....19

3.2 A virtude inata e as paixões encontradas nos primeiros homens.....23

3.3 O início da desigualdade social: a propriedade privada.....26

4 A INSERÇÃO DO HOMEM NA SOCIEDADE ATUAL.....30

4.1 A sociedade e o acúmulo de bens.....30

4.2 A instauração das leis e as guerras como tentativa de alcançar a paz.....33

4.3 O governo e o desejo de igualdade entre todos.....35

5 CONCLUSÃO.....39

REFERÊNCIAS.....40

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a desigualdade social encontrada entre os homens é uma questão bastante debatida no meio da sociedade atual, pois esta mesma sociedade busca de alguma forma tentar conter esse mal que assola a humanidade inteira.

Sabe-se que a resolução de tão grande mal não é tão simples como muitas pessoas imaginam, pois para ter novos rumos, a humanidade precisa fazer com que o homem tenha um maior conhecimento dos males que estão ao seu redor. Por isso, para se ter uma ideia de como a desigualdade se encontra presente na humanidade basta ter um conhecimento básico dos mais variados agrupamentos humanos.

Sabendo que a desigualdade entre os homens é um mal que demorará muito, ou que talvez nunca possa ser reparado, será apresentado o presente trabalho baseado na obra de Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês que viveu no século XVIII e que muito influenciou na compreensão do homem como ser que procura sempre o desenvolvimento e a felicidade.

A obra *A Origem da Desigualdade Entre os Homens* de Rousseau, foi de grande importância para a compreensão do homem em sua época, por isso nesta obra, ele procurou mostrar uma visão positiva de homem, visto como um ser que é bom por natureza e que por causa do contato com os outros, e por causa da sociedade tornou-se desvirtuado de sua bondade primeira. Assim, Rousseau discordou da afirmativa de Hobbes que apresentava o homem como o "lobo do homem" e que, portanto, é mal por natureza.

A Origem da Desigualdade Entre os Homens procura mostrar a desigualdade presente na humanidade em dois aspectos: no campo físico e no campo social, sendo que a primeira nos é inata e a segunda se dá por causa do próprio homem.

Assim, este trabalho se ocupará em mostrar a visão antropológica apresentada por Jean-Jacques Rousseau pois foi importantíssima para o desenvolvimento da antropologia. Procurará refletir a ideia de desigualdade inata presente entre os homens, suas primeiras descobertas e a visão negativa de sociedade na sua concepção.

Pretende-se também mostrar a ideia de homem e sociedade no pensamento de Rousseau, haja vista entendermos que tal ideia é de grande relevância para a compreensão da sociedade nos tempos atuais. Para tanto, serão também apresentadas as descobertas dos primeiros homens e a sua necessidade de se

socializar com os demais de sua espécie, fazendo com que através desse contato houvesse a segunda forma de desigualdade entre eles e que ainda hoje vigora: a desigualdade social que cerca a todos.

Para Rousseau, tudo o que se vê no meio da sociedade é consequência do desenvolvimento do pensamento e da ambição do homem em sempre querer possuir mais do que necessita, fazendo com que uns tenham mais e outros, menos.

Ao final, será apresentada a sociedade como fonte das desigualdades entre os homens, os males que dela derivam e a tentativa de fazer com que o homem possa ter uma vida melhor.

2 O HOMEM NATURAL E SUAS PRIMEIRAS NECESSIDADES

Este primeiro capítulo procura mostrar além da visão positiva de homem vista por Jean-Jacques Rousseau, as primeiras desigualdades encontradas em meio aos homens primitivos, assim também como a visão negativa do filósofo acerca do aparecimento da sociedade, como fonte da desvirtuação do homem.

2.1 Antropologia rousseauniana

O pensamento de Jean Jacques Rousseau é importantíssimo para os mais diversos campos do conhecimento, por isso, suas ideias foram mundialmente difundidas após serem apresentadas aos seus concidadãos no século XVIII. Estudando um pouco suas obras vê-se sua constante preocupação com o homem, não como uma ideia abstrata, mas real. Três obras de sua autoria chamam a atenção para a valorização antropológica, fundamentalmente no campo da política, da sociedade e da educação, são elas respectivamente: *Do contrato social, A origem das desigualdades entre os homens e Emílio ou Da educação.*

A obra *A origem das desigualdades entre os homens,* escrita em 1755, procura mostrar que as desigualdades existentes entre os homens (vistas hoje no campo da pobreza e diferenciação das raças) não são de forma alguma natural, mesmo que haja aquela natural (estrutura física), no entanto, as principais foram tratadas nesta obra como consequência da evolução social. Desta forma, esta obra se preocupa em estudar a origem das desigualdades, partindo fundamentalmente do estudo do homem, não concebendo e nem ditando ideias sem uma profunda reflexão acerca da sua evolução como assim fizeram alguns filósofos.

No prefácio da *A origem das desigualdades entre os homens,* Rousseau (2007, p. 23) se preocupa em tratar diretamente do homem físico, como motor de seu vasto estudo. Por isso diz ele:

> [...]considero o tema deste discurso como uma das questões mais interessantes que a filosofia possa propor e, infelizmente para nós, como uma das mais espinhosas que os filósofos possam resolver porque, como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar por conhecer os próprios homens?

É sabido que no século XVIII não se via a preocupação dos filósofos de então sobre a questão do homem em si, por isso, de certa forma Rousseau se mostra disposto a fazer tal estudo. Podemos também dizer que seu interesse foi influenciado devido à vida que levou desde a infância e continuada até à fase adulta, vida simples e cheia de dificuldades.

> Que antes de escrever sobre a desigualdade Jean-Jacques tenha começado por sofrê-lo em sua vida, é a própria evidência. Cidadão de Genebra, mas um pouco desclassificado, tornado "cidadão inferior", lançado na categoria preterida, tendo recebido de seu pai, com as lições de altivez romana, as do ressentimento e da reivindicação áspera; aprendiz maltratado, lacaio, preceptor, secretário, músico incerto perdido nos salões dos arrematantes de impostos: quantas situações subalternas, quantas humilhações sofridas, que experiência acumulada! (STAROBINSKI, 2011, p. 380).

É interessante frisar que um dos grandes pensadores do século XX, Claude Lévi-Strauss, considerou a obra *A origem das desigualdades entre os homens,* de Rousseau como o livro que fundou a antropologia ocidental (FORTES, 1989, p. 19), justamente por ter visto a preocupação do autor em sistematizar a problemática acerca do homem e essa mesma problemática fez com que Lévi-Strauss fosse influenciado em seu pensamento antropológico pelas ideias de Rousseau. A novidade de Rousseau foi ter apresentado este aprofundado estudo sobre o homem e de ter mostrado esse mesmo homem como bom em sua essência. Por isso, ao afirmar que o homem é bom por natureza, ele está a refletir sua obra acerca da origem da desigualdade existente entre a raça humana.

> [...], Rousseau, [...], se comprometeu com a ideia de que os seres humanos originalmente eram "nobres selvagens", que levavam uma vida solitária, pacífica e se preocupavam principalmente com a satisfação de suas necessidades imediatas, fazendo pouco uso da perspicácia, da linguagem, ou de qualquer outra faceta da existência social (STANGROOM, 2008, p. 66).

O início de sua reflexão antropológica trata de conhecer o homem natural, suas necessidades e medos, coisas simples, mas que não eram vistas por outros pensadores. A difusão do seu pensamento contribuiu significativamente para os estudos antropológicos do passado e continua contribuindo para os atuais, pois sua intenção ao escrever tal obra não era de fazer com que o homem andasse

novamente como os animais, mas que houvesse uma verdadeira reflexão acerca dos verdadeiros motivos que levaram esse mesmo homem a querer mudar radicalmente de uma vida boa e feliz para uma outra totalmente diferente da qual estava acostumado durante milhares de anos, pois nesta vida primitiva anterior à social se encontrava a sua felicidade:

> Rousseau [...], conclui que, [...] Na vida simples, pura e uniforme, sem tropeços e contratempos, sem mandos e desmandos, sem ordem e desordem, estaria a verdadeira felicidade humana; é no estado pré-cívico, ou de natureza, que residia a felicidade humana [...] (BITTAR, 2010, p. 295).

Como se sabe, Locke e Hobbes já haviam apresentado uma ideia de homem totalmente diferente desta de Rousseau. Estes dois filósofos traziam consigo uma imagem negativa do homem em sua origem, diziam que ele nasce male e vive praticando tal coisa e que não estaria na sociedade a origem dos males do homem, mas nele próprio. Leopoldi (2002, p. 159) em seu trabalho sobre as sociedades indígenas mostra esse pensamento de Locke e Hobbes dizendo:

> O caminho aberto pela sociedade civil é para eles, portanto, o que leva às conquistas mais caras à civilização e a formas mais adequadas de convivência entre os homens. Para estes pensadores e filósofos políticos o estado de natureza era um período de selvageria fundamentalmente insatisfatório, onde os aspectos negativos dificultavam demasiadamente- quando não inviabilizavam- a vida em coletividade.

Rousseau é enfático ao dizer que esse mesmo estado natural antes visto negativamente por Locke e Hobbes era o estado perfeito para todos os homens, pois nele se encontrava a verdadeira causa dos prazeres humanos e por causa dessa afirmação Rousseau é chamado filósofo do *bom selvagem,* por ver a natureza do homem pelo seu lado positivo.

Por mais que Rousseau defendesse o estado natural do homem como estado perfeito, não queria ele transformá-lo em um "bicho" que andasse novamente de quatro, (como assim criticou Voltaire a sua obra) mas que fosse como é visto: e, como é que se vê o homem em Rousseau? Um animal parecido com os outros, porém vantajosamente mais organizado que todos os outros, vivia como os demais,

e mesmo sendo em força e em robustez mais fraco, reconhecia que podia vencê-los com sua agilidade e inteligência.

> Coloquem um urso ou um lobo em luta contra um selvagem robusto, ágil, corajoso, como são todos, armados de pedras e de um bastão e haverão de ver que o perigo será menos recíproco e que, depois de muitas experiências semelhantes, os animais ferozes, que não gostavam de se atacar entre si, atacarão a contra gosto o homem que lhes parecerá tão feroz quanto eles (ROUSSEAU, 2007, p. 35).

Desta forma, o filósofo defende que foi no estado primitivo que o homem encontrou e possuiu toda a força para sobreviver, o homem selvagem tinha como privilégio a capacidade de ser mais corajoso do que o homem social, pois a partir do momento em que ele se permitiu envolver-se com os demais, consequentemente se tornou mais fraco e preguiçoso, pois necessitou da ajuda de outrem. Assim, vê-se que na sua solidão residia a sua força.

2.2 A desigualdade inata, os medos e a vida primitiva do homem

A obra *A origem das desigualdades entre os homens,* de Jean Jacques Rousseau, divide-se em duas partes: a primeira fala basicamente do homem primitivo, de suas descobertas e primeiras dificuldades, já a segunda diz respeito à vida em sociedade, propriamente dita.

Rousseau não quis apresentar um estudo aprofundado acerca dos homens primitivos, não se trata de uma pesquisa científica, mas quis dar um destaque a essa área porque achou interessante que houvesse uma reflexão de como poderia ter sido a vida do homem antes de ser como ela é nos dias atuais. Essa vida, diz ele, não começou do nada e não foi sempre como se encontra. Não foi uma "evolução" fácil, foi marcada também, por muitas dificuldades, por isso, teve várias mudanças, as quais, ele afirma que a maior foi aquela em que o homem primitivo se desliga totalmente de uma vida ociosa, feliz e cheia de coisas que o completava, ao menos naquele estágio em que se encontrava.

Rousseau (2007, p. 29) concebeu apenas duas principais desigualdades existentes entre os homens: a física e a moral ou política. A física como ele mesmo diz: "Uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza e

que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma"

Esta primeira desigualdade é inata, acompanha a todos por toda a vida e é irremediável. E Rousseau (2007, p. 29) continua: " Não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural porque a resposta se encontraria na simples definição da palavra".

A desigualdade física é vista em todas as formas de vida, desde vegetais até os homens, por isso de já, o filósofo, afirmou a sua existência. Para se conseguir sobreviver em meio às dificuldades encontradas na vida primitiva, os primeiros homens foram ao longo do tempo evoluindo e aprendendo novas técnicas de sobrevivência, por isso, era imprescindível a eles que se tornassem mais robustos, valentes e que soubessem enfrentar com verdadeira garra as intempéries da vida cotidiana e, assim, a própria natureza foi quem lhes fez sair de um estado de medo para um de coragem, pois aqueles que não conseguiam acompanhar a "evolução" da espécie com certeza não durariam muito tempo.

Esta primeira desigualdade por ser inata a todos já é por si compreendida como o próprio Rousseau afirmou, mas também a obra *A Origem da Desigualdade entre os Homens* ajuda a melhor compreender o que no século XVIII se tornou uma novidade entre a sociedade e os pensadores de então. Rousseau apresentou tal concepção como uma ideia que geraria grande entusiasmo para a compreensão do homem, e ao longo do estudo de sua obra vê-se que tudo tem uma sequência cronológica perfeitamente delineada e que apresenta um ótimo estudo

Diante de uma vida corajosa, surge entre os primeiros homens um medo que lhes apavora: as enfermidades naturais, ou seja, as doenças de toda espécie, pois o homem natural sabia se livrar de tudo o que lhe aparecia, menos daquilo que para ele ainda era desconhecido e que lhe causava mais temor que as feras com quem costumava lutar.

Entre os medos do homem, podemos citar as doenças naturais como a velhice e a morte. Estas, por sua vez, são irremediáveis ao contrário das enfermidades que eram a cada dia descobertas.

> Outros inimigos mais temíveis e contra os quais o homem não tem os mesmos meios para se defender, são as enfermidades naturais, a infância, a velhice e as doenças de toda espécie, tristes sinais de

> nossa fraqueza, sendo que as duas primeiras são comuns a todos e que a última é principalmente do homem que vive em sociedade. (ROUSSEAU, 2007, p. 36).

É possível notar que se fala em doenças de toda espécie como resultado da vida em sociedade, mas lembremos que neste primeiro momento, não se vivia em uma sociedade como a que conhecemos atualmente, mas como um agrupamento de pessoas que juntas tinham o mesmo propósito: lutar pela sobrevivência, daí podemos dizer que onde há aglomeração de pessoas com certeza há a facilidade de se contrair certos tipos de doença, e estas não eram, *a priori* tidas como curáveis, portanto, o homem primitivo, esperava pela ação do tempo e da natureza para que acontecesse a sua cura, o que muitas vezes não acontecia.

O filósofo genebrino afirmou que o homem no estado natural não necessitava de remédios, menos ainda de médicos, pois estes estavam entregues aos cuidados da natureza que assim como cuida dos animais selvagens, também se responsabilizaria pela cura das enfermidades dos homens, e estes foram com o passar do tempo adquirindo mecanismos orgânicos de defesas contra tais enfermidades e fazendo-se cada vez mais fortes e menos propensos a elas, mesmo que continuassem a existir, e a esse respeito, disse :

> Tenhamos, pois, cuidado em não confundir o homem selvagem com os homens que temos sob os olhos. A natureza trata todos os animais entregues a seus cuidados com uma predileção que parece mostrar quanto é ciosa desse direito. (ROUSSEAU, 2007, p. 38).

Esse mesmo homem natural era tido como o mais corajoso e mais hábil para tudo o que houvesse à sua frente. Ele fazia tudo somente com a preocupação de sua subsistência, e não se preocupava com o acúmulo de nada, pois isso não lhe interessava. O homem primitivo era temido por muitas feras por que às vezes se igualava a elas pela tamanha coragem que possuía, e assim foi mostrada a vida primeira do homem, uma ideia criada por Rousseau, mas que não deixa de ter suas fontes científicas confirmadas por cientistas e pesquisadores que vieram após o filósofo.

A vida selvagem do homem fez com que ele vantajosamente fizesse grandes descobertas e que delas se aproveitasse somente para o momento em que vivia, pois tal homem se via "obrigado" a descobri-las porque se fazia necessário para sua

sobrevivência. Como exemplo citamos a caça, o plantio de legumes, o uso de peles no inverno, etc. tudo isso se tornou extremamente importante para ele, mas que de forma alguma o levou a necessitar das coisas que a sociedade atual dispõe.

2.3 A visão negativa de Rousseau sobre as primeiras sociedades e sobre as novas descobertas

Após Rousseau mostrar sua visão antropológica acerca do homem primitivo e de sua vida em meio às dificuldades encontradas onde vivia, fala também sobre as primeiras sociedades existentes. Estas sociedades não eram organizadas da forma que conhecemos hoje, mas já eram a preconização daquilo que viria num futuro não muito distante.

Rousseau se mostra completamente contra o aparecimento de uma organização social, pois viu tal organização como um marco negativo e que não trouxe nada de importante para o homem, desde o tempo em que o homem era selvagem até os dias atuais, pois para ele, o homem que se fazia sociável era um homem fraco, escravo, medroso, etc. tudo isso levaria o homem a perdição, pois era totalmente contrário ao mostrado por ele como o homem selvagem era. Por isso para ele:

> [...] ficava claro que, assim que as pessoas começavam a desfrutar relações fixas umas com as outras, as condições estavam prontas para a emergência da competitividade, do ciúme e da agressão [...] (STANGROOM, 2008, p. 66).

O homem selvagem se destacava por sua força, coragem, destreza e liberdade, mas estas lhes foram tiradas, e a partir do momento em que este mesmo homem começou a se relacionar com outros grupos, aconteceu a grande mudança de sua vida. O filósofo também compara a degeneração do homem com os animais que são domesticados, pois estes perdem a sua robustez e força ao terem contato direto com o homem através da domesticação, e o mesmo acontece ao homem que se torna sociável.

> O cavalo, o gato, o touro, o próprio burro têm em geral, um talhe mais alto, uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que em nossas casas. Perdem a metade

> dessas vantagens ao se tornarem domésticos e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados em tratar bem e nutrir esses animais só conseguem abastardá-los. O mesmo acontece com o homem. Ao tornar-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, submisso e sua maneira de viver mole e efeminada acaba por debilitar ao mesmo tempo sua força e sua coragem (ROUSSEAU, 2007, p. 38).

A visão negativa de sociedade levou Rousseau a afirmar a total e definitiva decadência do homem. A criação das primeiras sociedades foi mostrada como algo que não fazia parte do ser selvagem e que também não faria falta a ele se não tivesse existido, pois neste estágio surgiram descobertas que antes não eram tidas como necessidades do homem natural, mas que com o passar dos tempos foram se tornando imprescindíveis a ele e para os que lhe sucederam, de forma que ele mesmo não mais conseguiria viver sem elas. Um exemplo dessas descobertas, ou criações é a invenção das roupas e das habitações. Rousseau não conseguiu entender o porquê da criação de tais coisas pois o homem primitivo já vivia antes sem elas e não necessitava do seu uso. Claro que tais descobertas foram de grande importância para este homem, mas não deveriam, segundo ele, ter existido, pois não faziam parte da natureza humana.

A vida do homem selvagem foi uma vida voltada para o presente, assim ele não era preocupado em fazer planos para o futuro, e, num primeiro momento, não teve a necessidade de viver ligado a ninguém, coisa que com o passar do tempo também mudou, visto que nesse estágio da "naturalidade" o homem foi mais propenso a viver o amor e a piedade, as maiores virtudes que se possam encontrar na raça humana primitiva.

Também foi graças à proximidade com outros de sua espécie, que o homem natural se afastou de suas origens e fez com que eles mesmos perdessem coisas que lhes eram peculiares das quais , hoje, a sociedade dispõe pouco, ou quase nada, pois Rousseau considera que aquilo que fora perdido pelo homem selvagem, não mais voltará a existir, e é justamente por causa dessa perca das ações positivas dos primeiros homens, que o filósofo considera a sociedade como algo que não ofereceu nada de bom ao homem, pois ele mesmo por si, e pela ajuda da natureza, conseguia se desenvolver sozinho, sem a necessidade de ninguém para ajudá-lo e é essa a visão de homem que Rousseau teve, de um ser bastante capaz do desenvolvimento, mas que por causa disso, afastou-se de sua originalidade.

> [...] o homem é um ser peculiar que pode não apenas aquiescer ou não às prescrições da natureza, mas, além disso, pode se autocriar, construir para si mesmo uma segunda natureza, distante da primeira. [...] Graças à perfectibilidade o homem se afasta cada vez mais da tutela da natureza e acaba por desviar-se, aventurando-se por caminhos que lhe serão funestos. (FORTES, 1989. P. 37).

A própria sociedade é fruto do afastamento das origens do homem e, nada do que ele vive hoje faz parte de natureza primeira. Com isso, o aperfeiçoamento fez surgir as outras desigualdades que não fazem parte do campo físico, e com isso os homens, que viviam entre si em momento de paz começaram a travar lutas contra si mesmos.

> O equilíbrio dessa relação (homem-natureza) só vai romper-se quando ele começa a inserir-se num contexto dominado pela sociedade e pela civilização com as consequências necessariamente negativas que elas trazem. A "nostalgia" do estado de natureza é tão mais profunda quanto é para Rousseau a impossibilidade do homem viver em sociedade de maneira tão pacífica e sadia quanto vivia naquele estado. Afinal, " a maioria de nossos males é obra nossa (...) os teríamos evitado quase todos conservando a maneira simples de viver, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza".
> [...] Diferentemente do que sustentam outros pensadores a respeito do estado de natureza concebido como um cenário para a existência de agrupamentos humanos, para Rousseau naquele período o homem era de tal maneira auto-suficiente que prescindia da convivência com seus semelhantes. Desse ponto de vista, o selvagem levava uma vida não muito diferente da maioria dos animais propriamente ditos. Esse isolamento propiciado pelo estado de natureza favoreceu o exercício de qualidades positivas que Rousseau tanto associou ao homem natural, particularmente o amor a si mesmo e a piedade, ou mais genericamente, a bondade. (LEOPOLDI, 2002 p. 161).

Assim, dessa desvirtuação da vida primitiva do homem é que Jean-Jacques Rousseau desenvolveu o seu trabalho, gerando, assim, novos pontos de vista acerca da vida em sociedade, e quais as suas prováveis fontes.

ICESPI - Biblioteca
10353 | 26/03/14

3 A NECESSIDADE DE SOCIALIZAÇÃO DOS PRIMEIROS HOMENS

Nesta parte do trabalho será apresentada primeiramente a descoberta da linguagem feita pelos primeiros homens, o que gerou várias outras descobertas e também a ligação entre pais e filhos. Na sequência, serão mostradas a virtude inata a todos os homens, bem como também as paixões que apareceram no meio deles, e ao final deste capítulo ver-se-á a propriedade privada como início de uma sociedade desigual e injusta, fonte da segunda desigualdade apresentada por Rousseau.

3.1 A linguagem como fonte de novas descobertas

Será tratado nesse ponto uma importante descoberta para o homem: a linguagem. Dela dispomos e consequentemente seria inviável a convivência com outras pessoas sem o seu uso. Assim, a linguagem é hoje, um meio indispensável para a vida em sociedade, por isso é importante conhecer a sua origem baseado no pensamente de Jean- Jacques Rousseau.

Contudo, não se quer aqui procurar explicar cada um dos tipos de linguagem conhecidos, mas aqueles primeiros usados pelo homem natural descritos na obra *A Origem da Desigualdade Entre os Homens,* de Rousseau, pois das mais diversas formas de linguagem entre os seres humanos ele procurou de forma sintetizada explanar sobre estas formas, procurando dar um sentido maior sobre a origem da linguagem oral, a que talvez gere mais questionamentos acerca do seu aparecimento, pois não se conseguiu chegar a um início, mesmo havendo estudos sobre o assunto.

Assim como as demais descobertas advindas da evolução humana, Rousseau explica que foram necessários milhares de anos para que conhecêssemos a linguagem tal como a vemos hoje. Essa que é conhecida por todos é resultado de um longo processo de evolução da comunicação entre os homens, o que com o tempo foi gerando uma modificação do seu uso e, consequentemente, a sua utilização por toda a raça humana.

> [...] a linguagem articulada, elaborada mediante o concurso de signos de convenção, não constitui o primeiro estágio da linguagem; ela é uma aquisição tardia, resultado de um longo processo de evolução de nossas faculdades intelectuais. A língua primitiva, puramente instintiva e anterior às necessidades de comunicação se limitava a exprimir o grito da natureza (FREITAS, 2008, p. 58).

Sendo assim, a linguagem é de forma generalizada um importantíssimo meio de comunicação e somente o homem, por ser dotado de inteligência, tem a capacidade de transformar as formas de linguagem existentes no mundo.

Em sua primeira descoberta, o filósofo mostra na sua obra *A Origem da Desigualdade entre os Homens* que a primeira forma de linguagem foi o grito da natureza. Esta forma de linguagem era inata, mas só era usada em certos momentos em que verdadeiramente fosse necessário o seu uso, como por exemplo, nos momentos de perigo e de fome.

> A primeira linguagem do homem, a linguagem mais universal, a mais energética e a única de que teve necessidade antes que fosse preciso persuadir homens reunidos, é o grito da natureza. Como esse grito não era arrancado senão por uma espécie de instinto nas ocasiões prementes para implorar socorro nos grandes perigos ou alívio nos males violentos, não era de grande uso no curso ordinário da vida, em que reinam sentimentos mais moderados (ROUSSEAU, 2007, p. 46).

Sabendo disso, Rousseau viu que era preciso juntar seu pensamento com as pesquisas feitas pelo abade Condillac e mesmo aceitando a opinião do pesquisador, Rousseau as pôs em discussão justamente por não concordar que existiu uma sociedade já estabelecida entre os inventores da linguagem, ideia que o abade Condillac defendia. Essa discordância se deu pelo fato de Rousseau afirmar que a linguagem seja própria do homem, mesmo que os outros animais tenham sons para a sua comunicação, assim o homem usa de sua inteligência para fazer com que aquilo que possui passe sempre por evoluções, coisa que não acontece com os animais, pois estes após crescerem já se tornam como o serão por toda a vida, diferentemente do homem que tem a capacidade do aprimoramento. A linguagem se mostrou, assim, de suma importância para o homem, fazendo com que através do seu uso se perpetuassem as experiências descobertas por ele.

> O principal meio de comunicação do homem é a linguagem. Através da linguagem o ser humano atribui significados aos sons articulados que emite; isso é possível porque somos dotados de inteligência. Graças à linguagem podemos transmitir pensamentos e sentimentos aos nossos semelhantes, bem como passar aos descendentes nossas experiências e descobertas, fazendo com que os conhecimentos adquiridos não se percam (OLIVEIRA, 2001. p. 30).

Não diferente do pensamento negativo mostrado anteriormente sobre outros assuntos, Rousseau se mostra contrário ao uso da linguagem pelo homem primitivo, pois esta não lhe era necessária e não lhe fazia falta durante o longo tempo em que viveu sem ela. Esses primeiros homens, como não tinham convivência entre si, não dispunham de uma forma de comunicação oral que os fizessem se juntar uns aos outros.

> *Rousseau trata do problema da origem das línguas na intenção de provar, [...], que a língua supõe a sociedade e, portanto, não pôde nascer naturalmente. Rousseau, consciente da dificuldade do problema e da precariedade de todas as soluções, descreve os seguintes estágios na formação da língua: a) O grito é a primeira linguagem natural; b) As inflexões de voz servem, pouco a pouco, para designar objetos; c) Surge, por fim, a instituição dos sinais, simbolizando as articulações da voz. Limitada, a princípio, por palavras-frases, decompõe-se em infinitos e em nomes próprios, depois estende-se aos adjetivos, que são abstrações, e às ideias gerais (*ROUSSEAU Apud MACHADO, 1997, p. 16).

Essa forma de linguagem (a oral) mesmo não antes existindo, não veio do nada, mas certamente teve um início, e Rousseau(2007, p. 45), em sua obra faz menção a um começo, muito provável: " as línguas nasceram no comércio doméstico dos pais, das mães e dos filhos." Sua ideia do aparecimento da linguagem não se dá em uma família conhecida pela sociedade hoje, mas em um seio puramente rude em que não havia uma verdadeira hierarquia familiar, tendo assim apenas uma diferenciação entre os papeis. Esses papeis consistiam em o homem ser o responsável pela subsistência da mulher e das crianças e a mulher tinha o papel de cuidar dos filhos. Desta forma, no seio de tal família, as crianças, foram as primeiras a procurar através de gestos e sons a comunicação com seus pais, justamente para suprir as suas necessidades físicas, como por exemplo, a alimentação. Essa linguagem levou as mães deixarem de amamentar seus filhos apenas para suprir as necessidades deles, a os amamentar porque estes lhes eram

caros, e aí vemos uma nova descoberta: o início dos sentimentos familiares, como o amor. Assim, nesta fase, pode-se observar o aparecimento desses sentimentos, onde os pais começam a se preocupar com os filhos não apenas por se tratarem de crianças, mas porque os sentimentos de afeto já faziam com que essa proteção viesse sem interesses.

Uma segunda descoberta se deu pelo início da necessidade do homem primitivo saber pensar e repassar seu conhecimento através de alguma forma, o que fez com que a linguagem passasse de o simples "grito da natureza" para aquilo que após um longo processo evolutivo conhecemos hoje. Outra inovação para as primeiras sociedades foi a invenção das palavras e consequentemente o nome dado a tudo o que o homem encontrava ao seu redor, como por exemplo, as plantas e animais.

> Cada objeto recebeu primeiro um nome particular, sem relação com os gêneros e as espécies, que esses primeiros professores não estavam em condições de distinguir e todos os indivíduos se apresentaram isoladamente a seu espírito como no quadro da natureza. Se um carvalho se chamava A, outro carvalho se chamava B porque a primeira ideia que se deduz de duas coisas é que não são a mesma e, muitas vezes, é preciso longo tempo para observar o que têm em comum, de modo que, quanto mais limitados eram os conhecimentos, tanto mais extenso se tornava o dicionário (ROUSSEAU, 2007, p. 47).

A importância do "descobrimento" da linguagem mostrou que o homem natural era capaz de se desenvolver. Por isso, ele deixou de usar gestos rudes para se comunicar, deixou também de "gritar" como os outros animais e começou a usar um modo próprio de comunicação. Esta nova forma foi ficando conhecida entre os primeiros grupos familiares e depois foi se expandindo, fazendo com que chegasse a se disseminar e consequentemente evoluir. Esse resultado da linguagem foi fruto das mais diversas formas de convivências sociais existentes, pois cada uma possuía um modo particular de transmitir aos outros aquilo que sabia. Por isso, com o uso da linguagem, a comunicação entre os homens melhorou e consequentemente provocou a expansão da sociedade, pois os homens viram a necessidade de estreitarem os laços entre si e aprenderem novas coisas.

> A linguagem dos primeiros tempos é ao mesmo tempo visual e auditiva. A primeira consistia em designar os objetos, pelos gestos, enquanto a linguagem auditiva se exprimia por meio das "inflexões de voz" e a emissão de "sons imitativos". Posteriormente, os homens inventaram "sons articulados e convencionais" e esta substituição da linguagem primitiva pelos signos convencionais, isto é, a criação de uma linguagem mais adequada à representação do conteúdo das ideias está intimamente ligada à instituição da família e ao ingresso na vida social. No entanto, tais instituições apenas contribuem para desenvolvê-la e aperfeiçoá-la, porquanto a palavra tem uma origem natural, já que resulta de disposições presentes no homem desde a origem. Por esse motivo sua evolução é indiscernível das etapas de socialização do homem (FREITAS, 2008, p. 58).

Desta forma, mesmo que o aparecimento da linguagem tenha sido de grande importância para o homem, Rousseau não aprovou tal aparecimento por se tratar de uma forma dos homens se unirem uns aos outros, gerando, assim, a sociedade, o meio que degenerou perpetuamente a vida do homem primitivo.

3.2 A virtude inata e as paixões encontradas nos primeiros homens

Além da visão otimista de homem e da naturalidade dos primeiros homens, Rousseau também apresentou as virtudes que lhes eram inatas e que contribuíram para os pontos positivos encontrados na sociedade, fazendo com que ela seja compreendida como o resultado das ações passadas dos primeiros homens que habitaram a terra.

Destas virtudes encontradas no homem natural a piedade foi a que mais se destacou e que se mostrou como um verdadeiro elo entre o "homem selvagem" e o "homem social". A piedade é tida como o sentimento que faz o homem demonstrar todo o seu respeito pelos outros de sua raça.

A piedade, também tida como bondade, segundo Leopoldi (2002, p. 161), "consistia numa repulsa natural ao sofrimento de outro ser humano", e sendo assim, fazia com que através dessa repulsa ao sofrimento alheio os homens se preocupassem uns com a vida dos outros e, assim, perpetuassem a espécie.

A piedade é tida como a maior virtude encontrada nos primeiros homens. Também é vista como a única natural encontrada em meio a eles. Dela descendem todas as outras que podem ser encontradas no homem. Então, o que vem a ser essa virtude? Como foi reconhecida entre os nossos antepassados?

Rousseau (2007, p. 52) se preocupou em explicar por que a piedade é tida como a única virtude inata ao homem, ele mostrou com exemplos claros que ela também era encontrada nos animais, não como uma coisa intelectual, ou virtude, mas como um "sentimento" que se conseguia observar em vários momentos:

> Um animal não passa sem inquietação perto de um animal morto de sua espécie. Há mesmo alguns que lhes dão uma espécie de sepultura. Os tristes mugidos do gado, ao entrar no matadouro, anunciam a impressão que ele recebe do horrível espetáculo que o atinge.

Deste exemplo dos animais, o autor mostra que a piedade é um sentimento encontrado em todos os homens e que nem mesmo os costumes das sociedades o conseguem destruir, justamente por ser inato ao homem e por ser aquele em que o homem mostra a sua bondade. A virtude da piedade é a que faz com que a espécie humana procure por si a sua conservação, pois esta faz do homem um ser capaz de refletir sobre suas ações e sobre os resultados que delas derivam. Sendo assim, a piedade se torna para o homem uma virtude importantíssima, pois o faz realizar o bem aos seus semelhantes.

> É, pois perfeitamente certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada individuo a atividade do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. É ela que nos leva sem reflexão em socorro daqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, faz as vezes de lei, de costume e de virtude, com a vantagem de que ninguém é tentado a desobedecer à sua doce voz; é ela que impede todo selvagem robusto de arrebatar a uma criança fraca ou a um velho enfermo sua subsistência adquirida a duras penas, se ele mesmo espera poder encontrar a sua em outro local; é ela que, em vez desta máxima sublime de justiça raciocinada " Faz a outrem o que queres que te façam", inspira a todos os homens esta outra máxima de bondade natural, bem menos perfeita, porém mais útil talvez que a precedente: "Faz teu bem com menos mal possível a outrem"(ROUSSEAU, 2007, p. 54).

Dessa forma tal virtude tornou-se um elo entre o homem selvagem e a sociedade que lhe é descendente, pois ela mesma se fez de lei de conduta em que os homens, vivendo entre si, mostram ter respeito por seus semelhantes. Portanto, o homem deve refletir o porquê da existência do mal, se sua essência é naturalmente boa e que a piedade é essa virtude que leva todos à paz e ao amor mútuo. Desse pensamento acerca da virtude, Rousseau afirma que se fosse somente pela prática

da razão o homem não mais existiria, pois ele precisaria não somente do pensar, mas também de sentimentos que o fizessem compreender que a vida do próximo também é importante e que é preciso respeitá-la em primeiro lugar.

Posterior ao estudo da piedade, virtude inata ao homem, Rousseau apresenta as paixões que são encontradas nesses primeiros homens. Essas paixões não são vistas por ele como algo positivo, pois fazem com que aconteçam a desordem e os crimes e, consequentemente é necessário que haja leis para que tais paixões possam ser contidas. Nesse sentido, as paixões, por levarem os primeiros homens a necessitar de leis para que possam viver em paz, fazem com que Rousseau as veja negativamente, pois qualquer forma de lei já muda a originalidade da vida humana e por isso elas não foram vistas com bons olhos.

Como exemplo dessas paixões, Rousseau mostra o amor, visto como um elo de ligação entre o coração e os homens. O amor faz com que aconteça a união entre os sexos e que é até capaz de destruir o gênero humano, quando na verdade lhe seria necessária a preservação (ROUSSEAU, 2007, p. 55).

O amor é visto por Rousseau (2007, p.55) como algo nascido sem necessidade para a raça humana, pois sua origem vem das primeiras sociedades e foi fortificado pelas mulheres:

> Ora, é fácil ver que o moral do amor é um sentimento artificial nascido do costume da sociedade e celebrado pelas mulheres com muita habilidade e cuidado para estabelecerem seu império e tornar dominante o sexo que deveria obedecer.

Sendo assim, vê-se que o amor adquirido pelas primeiras sociedades também é tido como forma das mulheres se tornarem dominantes, ao invés de serem as "dominadas". De fato, o "amor" foi primeiramente visto pelos primeiros homens somente algo puramente físico e que fazia com que houvesse atração entre os sexos somente pela necessidade da procriação. Tal paixão, nesse período limitou-se somente ao físico, pois foi visto como algo que posteriormente fizesse com que o homem primitivo mudasse seus desejos mais profundos e, assim, nesse primeiro estágio da sociedade a sua imaginação não foi usada, de forma que, os primeiros homens não imaginavam como seria seu dia, com quem iriam ter relações sexuais e como estas seriam. O que importava para eles na verdade era simplesmente satisfazerem os impulsos da sua natureza, impulsos sexuais com todo o prazer com

que lhes era de direito, e após satisfeitos seus desejos tudo voltava ao normal, e o desejo que lhes estava a atormentar cessava.

> [...] o instinto de reprodução,ou impulso sexual. [...] Rousseau postula que, no estado primitivo, esse sentimento é puramente físico. Nada vincula um indivíduo a outro a não ser o puro impulso momentâneo que, uma vez satisfeito, leva novamente cada qual para seu lado e restitui o isolamento anterior. É só com o desenvolvimento dos vínculos sociais que esse sentimento, refinado, será acompanhado de preferência e exclusividade e estará na origem de um vínculo constante (FORTES, 1989, p. 38).

O amor é tido como algo que cega o homem e que sua existência não é de relevante necessidade para ele, pois seu aparecimento se tornou algo que lhe modificou a natureza. Sendo assim, de acordo com Rousseau, o que levou o homem à obediência das primeiras leis foram as paixões que estavam sempre presentes na sua vida, de forma mais especial, o amor, não esse sentimento interior que conhecemos, mas um impulso que de momentâneo, tornou-se algo mais refinado e presente na vida do homem.

3.3 O início da desigualdade social: a propriedade privada

Ao longo de todo o seu estudo acerca do homem, Jean- Jacques Rousseau, percorreu um caminho procurando encontrar o verdadeiro ponto inicial da desigualdade existente na sociedade humana. Ele afirmou que esta não é inata ao homem, que com certeza teve um início e, seu interesse, foi deduzir qual o ponto de partida de tão grande mal encontrado em meio aos homens.

Rousseau, com seu pensamento sobre a desigualdade, inaugurou uma nova forma de ver a sociedade, pois ele ainda não tinha visto pesquisas diferentes que se ocupassem interessantemente em fazer com que os homens descobrissem suas origens, diferentes daquelas apresentadas na Bíblia.

Partindo desse ponto, vê-se que a origem da desigualdade é o cume do pensamento de Rousseau na obra *A Origem da Desigualdade Entre os Homens* e o resultado de toda a sua pesquisa se encontra nas primeiras linhas da segunda parte de sua obra:

> O primeiro que, cercando um terreno, se lembrou de dizer: "*Isto é meu*" e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não teriam sido poupados ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: " Não escutem esse impostor! Vocês estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e que a terra não é de ninguém!" (ROUSSEAU, 2007, p. 61).

Antes de procurar compreender as desigualdades, o filósofo se preocupou em mostrar que a desigualdade e a sociedade civil tiveram um início e que este está ligado com a propriedade privada, que é, portanto, para Rousseau, a origem de todos os males que assolam os homens hoje. Por isso,

> *A invenção da propriedade privada suscita, de um lado, a existência da primeira grande desigualdade, a que separa os ricos dos pobres e de outro lado, a formação das primeiras sociedades civis, baseadas nas leis (*ROUSSEAU Apud MACHADO, 1997, p. 22).

Seu interesse maior não foi fazer uma pesquisa científica, mas fazer com que os homens de sua época e os posteriores procurassem entender o porquê das coisas estarem da forma que se encontram atualmente.

Agora, surge o questionamento: qual a necessidade que os primeiros homens tiveram de tomar para si aquilo que pertencia a todos? Porque alguns se tornaram submissos a outros, já que todos eram iguais entre si? Nestes questionamentos é vista toda a preocupação de Rousseau em mostrar que os primeiros homens não tinham as necessidades que a sociedade hoje tem e o que tem como essencial na verdade nem existia num passado distante.

No curso da história o homem se subverteu, transformou-se de um ser que era bom por natureza no lobo ao qual Hobbes tanto defendeu. Desta forma a vida do homem em sociedade o levou a perder tudo aquilo que de fato lhe era imprescindível e que o fazia bom. Desta forma, Reale (2003, p. 760) diz que a visão de Rousseau é uma radicalmente pessimista da história e do seu curso, bem como dos seus produtos culturais, pois é na história e em seu curso que aconteceram as grandes e significativas mudanças na vida do homem.

Dessas mudanças que transformaram o homem a propriedade privada é tida como a maior causa dos males que são encontrados no seio da humanidade, pois esta gera todos os tipos de males que a assola:

> A propriedade, a princípio um ato arbitrário de tomada de posse sobre um bem, é transformada, para Rousseau, arbitrariamente em um direito, que passa a ser a causa de domínio de muitos por parte de poucos, e portanto de exclusão, dando origem à usurpação, que por sua vez, forma o direito de excluir, enquanto a servidão dá origem à miséria e à submissão constante de uns em favor de outros. Então, se a propriedade é o maior dos males humanos, aquela que gera as diferenças, as disputas, a miséria, a exploração e o trabalho escravo, então o fundador da sociedade civil (entenda-se, da sociedade civil eivada pelo vício da propriedade que foi capaz de perverter o homem) foi o que por primeiro disse esta " Esta terra é minha!" (*Ceci est à moi)* e encontrou quem o escutasse (BITTAR, 2008, p.202).

Ao formar a ideia de sociedade, ou seja, de grupos de pessoas que vivem juntas e buscam um mesmo fim, o homem primitivo foi cada vez mais se distanciando da sua origem gloriosa, de uma vida abundante e feliz. Isso aconteceu após milhares de anos de evoluções e fez com que seu pensamento mudasse, fez com que também ele próprio parasse e começasse a refletir sobre o modo de vida que estava levando. A propriedade privada é o ápice da reflexão do homem, pois surgiu como o divisor de águas entre o velho homem (o primitivo) e o novo homem (o social). Rousseau evidencia claramente que os primeiros homens não tinham a consciência das coisas como boas ou más, porque não tinham ainda a necessidade da reflexão, o que aconteceu posteriormente à sua "dolorosa" evolução. Dolorosa porque foi justamente por causa dessa evolução que o homem começou a se desligar totalmente de sua origem. Aquela mudança ocorrida num passado distante e que infelizmente ainda hoje é vista.

> Parece de todo evidente, porém; que as coisas já tinham chegado ao ponto de não poder mais perdurar como estavam porque essa ideia de propriedade, dependendo muito de ideias anteriores que só puderam surgir sucessivamente, não se formou de repente no espírito humano. Foi preciso fazer muitos progressos, adquirir muita indústria e luzes, transmiti-las e aumentá-las de idade em idade, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza. (ROUSSEAU, 2007, p. 61).

Agora resta refletir sobre quais aspectos o homem primitivo desenvolveu sua total mudança. O que fez com que Rousseau refletisse acerca disso foi ver que o homem, forçado pela natureza, obrigou-se a desenvolver essa necessidade, pois com o passar do tempo, as formas dele conseguir sua subsistência necessitavam ser aprimoradas, fazendo com que esse aprimoramento o levasse consequentemente a outros resultados, que para ele eram vistos como positivos, pois o tornava melhor em tudo o que fazia. Se antes não tinha técnicas para caçar porque a caça era abundante e fácil, depois de algum tempo e por causa dos fenômenos naturais, o homem teve de procurar outros meios de subsistência. Se antes não necessitava de uma coberta para o frio, agora tem a necessidade de a usar pois as estações mudaram. Se não usava o fogo para aquecer-se, para iluminar ou para assar os alimentos, agora, depois de observações, o homem primitivo faz de tudo para preservar tão precioso elemento. Sendo assim, sua evolução viu-se com algo necessariamente obrigatório por causa da própria natureza.

> Surgidas então as primeiras dificuldades, o indivíduo deve recorrer à própria iniciativa ou exercitar sua criatividade para aprender a vencê-las. A altura das árvores, por exemplo, ou a concorrência com outros animais, levou-o a exercícios corporais. As condições climáticas- os longos invernos ou os longos verões- levaram-no a uma nova indústria: alguns inventaram a pesca, e outros, em condições diferentes, a caça. Se considerarmos a figura do próprio homem, vamos perceber alterações. Ao animal limitado às puras sensações que era o primitivo puro, vemos suceder um indivíduo novo, que já é capaz de estabelecer *relações* entre as coisas e que já se acha dotado de uma espécie de reflexão ou "uma prudência maquinal que lhe indica precauções as mais necessárias à sua segurança". Surge, portanto, um conhecimento maior de si mesmo e concomitantemente conhecimento maior de seu semelhante enquanto tal (FORTES, 1989, p. 41).

Nessa ideia de Rousseau, em que apresenta a apropriação dos bens comuns como fonte da desigualdade entre os homens, é vista claramente a evolução do homem. E mesmo que ele reconheça que tal evolução não era necessária ao homem, ao mesmo tempo, esclarece que tudo o que aconteceu também foi consequência da natureza, mas que os males decorrentes de tal evolução na verdade são resultado de sua reflexão acerca das coisas e do seu total desligamento com a sua vida primitiva e boa.

4 A INSERÇÃO DO HOMEM NA SOCIEDADE ATUAL

Neste capítulo será tratada a visão de sociedade atual como fonte do acúmulo de bens, assim como as guerras e a frequente procura da paz feita pelo homem que está acorrentado às mais diversas leis da sociedade que o corrompe e que o degenera cada dia mais, por meio também das mais variadas formas de governo que o cerca.

4.1 A sociedade e o acúmulo de bens

Partindo da forma de vida dos primeiros homens, Jean-Jaques Rousseau, continuou na segunda parte de sua obra *A Origem da Desigualdade Entre os Homens* a procurar delinear o perfil dos primeiros grupos sociais, e com isso o que de certa forma derivou deles, como por exemplo, o acúmulo de bens, uma das fontes de desigualdade presente entre os homens, e que ainda hoje de forma generalizada continua a ser o sofrimento da humanidade.

Sabendo que a sociedade atual é consequência de um "erro" dos nossos ancestrais que viviam uma vida primitiva perfeita, mas que também é vista claramente como algo que de certa forma se tornou imprescindível para a convivência entre os homens, Rousseau mostra que aquilo que se conhece por sociedade, na verdade não é nem de longe o imaginado pelo homem natural dele, visto que para ele essa forma de sociedade que é vista é uma total desvirtuação da felicidade primeira encontrada nos primeiros homens.

Tudo o que se vê presente na sociedade, assim como o filósofo viu no século XVIII, é verdadeiramente uma consequência da evolução negativa do homem, porque, a princípio, esse homem teve a necessidade de evoluir corporalmente, como por exemplo, procurar meios mais fáceis de possuir seus alimentos, aprimorar-se nas lutas contra os animais ferozes para assim, garantir a sua vida, etc. e depois com isso foi consequentemente perdendo a sua inocência natural e criando para si coisas não antes necessárias para si e para os outros.

> Rousseau constrói, assim, a ponte através da qual o *bom selvagem* deixa o estado de natureza para se encaminhar com passos cada vez mais determinados e menos felizes para a sociedade civil, como a presa atraída pela isca sedutora penetra na armadilha da qual não mais escapará. [...] Compromissos, alianças, amizades concorrem para multiplicar a capacidade humana de melhorar as condições de

> subsistência e aumentar cada vez mais o bem-estar dos indivíduos. Mas essa conquista traz embutida a semente do infortúnio humano que brota necessariamente da vida em sociedade. Então, num movimento aparentemente paradoxal, o homem primitivo vai mergulhando cada vez mais profundamente nas águas da sociedade, contaminadas pelos germes das paixões desenfreadas que sufocam suas qualidades naturais e irremediavelmente o empobrecem e infelicitam (LEOPOLDI, 2002. P.164).

O homem, tendo a vitória sobre grande parte dos obstáculos que lhe estavam à vista foi gradativamente evoluindo e até hoje não cessa de querer aprimorar-se em tudo o que faz, fazendo com que essas coisas que antes não eram necessárias se tornassem a base da sociedade existente no mundo. Por isso, toda sociedade existente é literalmente ligada à evolução do passado.

Da sociedade nascem os grupos sociais que são apresentados a todos e dos quais todos fazem parte e dessa forma após a inserção nesse meio tais grupos fazem com que os pensamentos da sociedade sejam "moldados" a seu gosto. Tudo hoje gira em torno daquilo que é imposto pela sociedade, fazendo, assim, com que haja homens e mulheres totalmente alienados e sem vontade própria. Pois, mesmo que ninguém participe de algum grupo social, seja ele qual for, esse alguém é diretamente afetado por aquilo que a sociedade impõe, dessa forma, todos acabam, mesmo que obrigados, participando de tais pensamentos, ainda que sejam contrários aos que já se tem em mente.

> A sociedade estipula o que é bom e o que é ruim, o que é bonito e o que é feio, o que é certo e o que é errado. Assim, na vida em sociedade, as ideias, as opiniões, os fatos, os objetos não são avaliados isoladamente, mas dentro de um contexto social que lhes atribui um significado, um valor e uma qualidade determinados. Quanto maior o contexto social, maior a variedade de opiniões, de princípios, de valores sociais, muitas vezes conflitantes (OLIVEIRA, 2001, p. 79).

Vendo o atual contexto de sociedade em que estamos inseridos, pode-se perceber que ela cada vez mais está levando o homem a refletir sobre a sua vida e sobre a sua felicidade, pois o que se vê em todos os lugares é a ambição humana em possuir cada vez mais coisas supérfluas que na verdade não lhe trazem uma felicidade constante.

Do ponto de vista da ambição, o homem atual, diferente daquele que viveu há milênios, preocupa-se somente em acumular riquezas dos mais variados tipos, fazendo assim com que haja entre os todos os homens um grande abismo no campo da igualdade, pois poucos têm muito, e muitos, por sua vez, não tem nem ao menos o necessário para a sua subsistência.

Para melhor se entender esse abismo de desigualdade é necessário saber que ele se deu pelo fato dos primeiros homens terem procurado suprir as "suas novas necessidades", não antes vistas, e assim, com o desenvolvimento do pensamento e com a astúcia de poucos sobre muitos, o homem começou a juntar para si o fruto de seu trabalho e dos demais de sua espécie, por isso, a exploração do homem pelo homem e o acúmulo de bens estão estreitamente ligados à posse das propriedades que antes pertenciam a todos, mas que a partir de certo período deixaram de ser comunitárias e passaram a ser daquele que "gritou mais forte e primeiro". E isso foi que Jean-Jacques não conseguiu entender, como os primeiros homens se deixaram voluntariamente viver na "pobreza" enquanto outros viviam uma vida razoavelmente melhor.

A visão de Rousseau acerca da desigualdade e consequentemente do acúmulo de bens é bastante lógica, pois ele se preocupa em explicar a vida selvagem dos primeiros homens parte por parte, fazendo com que haja uma cronologia bem feita sobre diversos assuntos, sobretudo no que diz respeito ao que causou o sofrimento visto na sociedade atual:

> [...] o primeiro grau de desigualdade assinalado por Rousseau manifestou-se durante o desenvolvimento da agricultura e da metalurgia, quando os homens passaram a dividir a terra e reivindicar sua posse como um direito legítimo. Se, por um lado, ouve aqueles que argumentaram ser a terra um bem pertencente a todos os homens que a habitavam, por outro, haviam aqueles que justificavam sua posse em virtude do trabalho e do tempo empreendido no cultivo [...] A despeito de se imaginar na abundância de terras, houve ocasiões de escassez, e, aqueles que ficaram sem terra, não tiveram outra alternativa para prover sua subsistência senão roubar ou trabalhar para os que foram mais previdentes. Dessa situação nasceu a primeira grande desigualdade, dividindo os homens em duas classes: ricos e pobres (AVELINO, 2012, p. 10).

Assim, pode-se ver que com o aparecimento da propriedade privada e consequente acúmulo de bens o homem começou a sua triste trajetória de

desigualdade, pois a partir do momento em que ele esteve subordinado a outros, tristemente perdeu a sua liberdade, um grande bem que possuía, mas que por causa da ambição de muitos a perdeu para sempre, pois, por mais que no futuro a igualdade entre os homens volte a reinar, por mais utópico que seja, ele jamais será o mesmo de antes.

4.2 A instauração das leis e as guerras como tentativa de alcançar a paz

Desde os primórdios da sociedade humana, o homem cada vez mais vem se distanciando do seu estado primitivo e feliz, estado esse já mencionado anteriormente e que é provocado por sua própria vontade, haja vista o homem não mais desejar habitar em cavernas, caçar seus alimentos, proteger-se com peles de animais, enfim, já não mais consegue viver sozinho, isoladamente, como assim fazia num passado não muito distante. Isso se deu pelo fato de após milhares de anos vivendo de uma forma rude e selvagem, nossos ancestrais por motivos já expostos decidiram por livre e espontânea vontade viver juntos com indivíduos diferentes, e desta forma que com eles fizeram nascer a primeira sociedade.

Da compreensão sobre a sociedade hodierna, sabe-se que em tudo encontram-se as leis que são as mesmas normas sociais. São elas que garantem direitos e mostram deveres a todos, mostram o certo e o errado, por isso, não se pode conceber nenhum grupo de pessoas que viva sem a presença das leis, pois até mesmo naqueles grupos mais afastados da civilização têm suas formas de organização. Tudo isso mostra que as leis são hoje a única forma de tentar organizar a sociedade, pois sem elas a vida em comunidade estaria em piores condições do que as encontradas tanto no passado, como atualmente.

As normas que foram criadas pela primeira sociedade regem toda a vida humana e não há como se ver livre delas, pois já estão enraizadas na sociedade, ou seja, nós as recebemos como herança de uma tradição passada há incontáveis gerações e que continuam a perpetuar-se em nosso meio. Portanto, as leis, ou normas sociais, são a causa do controle de nossa vida.

> Toda sociedade e todo grupo social têm uma série de regras de conduta que orientam e controlam o comportamento das pessoas. [...] Em função do que está socialmente estabelecido, as normas sociais indicam o que é "permitido"- e como tal pode ser seguido- e o

> que é "proibido"- não podendo ser praticado. A toda norma social corresponde uma sanção social. A *sanção social* é uma recompensa ou punição que o grupo ou a sociedade atribuem ao indivíduo, em função de seu comportamento social (OLIVEIRA, 2001, p. 76).

Com a afirmação de que toda sociedade possui regras de conduta em que o homem é obrigado a aceitá-las e se não o fizer será punido, vê-se claramente o quanto cada vez mais ele se distanciou de sua primeira e única felicidade: uma vida sem regras e sem a necessidade de contato com os demais, pois isso o levou a ser o que hoje é, um ser acorrentado a coisas vãs. Desta passagem do velho, mas melhor período de vida do homem, para o novo, porém o pior que possa existir e que do qual nunca mais o homem poderá sair, Rousseau (2007, p. 71) afirma:

> [...] de livre e independente que o homem havia sido anteriormente, aí está ele, por uma multidão de novas necessidades, submetido, por assim dizer, a toda natureza e principalmente a seus semelhantes, dos quais se torna escravo em certo sentido, mesmo tornando-se seu senhor: rico, tem a necessidade de seus serviços;pobre, tem necessidade de seu auxílio e a mediocridade não o coloca em situação de prescindir deles.

Assim, a partir do momento em que o homem adere à submissão a outros, ele ao criar regras que passam a reger a sua vida, faz com que a sua liberdade, um bem tão precioso, seja totalmente aniquilada, pois das leis, o homem não pode tirar a liberdade nem para si, nem para os outros, porque delas ele agora é escravo, sendo obrigado a aceitá-las quer por bem, quer seja por mal.

Das leis decorrem os mais diversos tipos de desvios do comportamento humano, pois elas não o fazem um ser livre, e sim escravizado. Tais desvios se dão porque o homem não está mais vivendo uma vida natural e sim artificial que é consequência da queda acontecida no passado. Esses desvios que são consequência das leis, nada são que tentativas do homem melhorar a vida em que vive. Sendo que muitas vezes são tentativas frustradas que não acabam dando certo.

Um exemplo dessas tentativas são as guerras que no intuito de conseguir alcançar a paz consigo, manter riquezas ou o poder, o homem se vê obrigado a travar batalhas com o seu semelhante por motivos rudes, por isso, por mais que as guerras tenham "boas intenções" nunca poderão ser vistas de forma positiva, pois

são um desvio da conduta humana para conseguir alcançar interesses próprios, não comuns a todos, por isso, as guerras levam o homem a se animalizar, pois ao matar o seu próximo em detrimento de interesses próprios, ele não se mostra um ser racional.

Das guerras emanam os sentimentos mais perversos que estão no interior do homem. Rousseau afirmou de forma veemente que as guerras não podem ser vistas de forma positiva em momento nenhum, pois só trazem desgraças ao homem, e mesmo que delas possa resultar algo bom para ele, ao estarem ligadas ao massacre de seres humanos, as guerras acabam sendo uma forma de desvalorização da dignidade humana, pois não é justo o homem matar a seus semelhantes, por qualquer motivo que seja. Elas são resultado da ambição do homem que quer possuir mais do que pode, são também resultado da presença da propriedade privada, pois o querer apoderar-se do que não é seu, faz com que os homens travem batalhas entre si.

> Foi visto enfim os homens se massacrarem aos milhares sem saberem porquê e foram cometidos mais assassinatos num só dia de combate e mais horrores na tomada de uma só cidade do que no estado de natureza durante séculos inteiros, sobre toda a superfície da terra. Esses são os primeiros efeitos que entrevem na divisão do gênero humano em diferentes sociedades
> (ROUSSEAU, 2007,p. 75).

Desta forma, tudo o que causa as guerras entre os homens, é verdadeiramente não necessário a ele, pois foi visto que isso causou e continua causando a divisão entre os homens. Assim, eles não podem mais viver em harmonia consigo e nem com os outros.

4.3 O governo e o desejo de igualdade entre todos

Jean-Jacques Rousseau mostrou na sua obra *A Origem da Desigualdade Entre os Homens* a degradação da felicidade do homem que não é mau por natureza, mas que por vontade própria assim se tornou.

Das muitas quedas que o homem teve, há várias que foram muito significativas e que, segundo o filósofo, nada tem a acrescentar de positivo aos homens. Além das quedas já mencionadas nos capítulos anteriores, destaca-se

desta vez a presença do governo. Este que também não existia, mas por consequência da evolução humana teve a "necessidade" de existência entre a primeira sociedade.

O governo seria, então, a forma daqueles que possuíam mais bens de iludir os que não possuíam quase nada com a ideia de que tudo poderia ser repartido entre todos. Assim, os que aceitaram a submissão aos superiores foram enganados em sua inocência, pois o desejo destes era que tudo fosse de todos e não que eles tivessem a obrigação de serem comandados por outros que na verdade nada mais eram que homens iguais entre si, mas que por causa da desigualdade uns se achavam melhores do que outros.

A respeito da origem do governo, Rousseau assinalou que esta se deu basicamente com o desenvolvimento da propriedade privada. Tal origem está ligada a um pacto entre os homens, em que uns (os mais fracos) se submeteram voluntariamente a outros (os mais fortes e que possuíam mais bens). Assim o governo teve sua origem ligada ao medo dos homens viverem presos ao sofrimento da vida cotidiana, desta forma o povo e aqueles que regiam os grupos estavam ligados perpetuamente uns aos outros por meio de leis que foram estabelecidas para a melhor "organização" da sociedade.

Para confirmar aquilo que já foi dito, Rousseau (2007, p. 81) ressalta que o corpo político, a forma de governo estabelecida entre os homens era vista como um:

> [...] verdadeiro contrato entre o povo e os chefes que ele escolhe, contrato pelo qual duas partes se obrigam à observância das leis nele estipuladas e que formam os laços de sua união. Tendo o povo, no que diz respeito às relações sociais, reunido todas as suas vontades numa só, todos os artigos sobre os quais essa vontade se explica se tornam outras tantas leis fundamentais que obrigam todos os membros do Estado sem exceção e uma das quais regula a escolha e o poder dos magistrados encarregados de velar pela execução das outras.

O governo seria então apenas o começo da grande forma do homem poder submeter os outros a si. As primeiras formas de governar diziam respeito aos primeiros grupos sociais existentes, onde um, por ser o mais corajoso e forte era escolhido como aquele que deveria reger a comunidade nos mais variados aspectos, tanto disciplinar, quanto religioso. O grande ideal da presença de um governo é que houvesse aquele que verdadeiramente representasse o povo e que

diante das dificuldades este lhe defendesse e lhe desse melhores condições de sobrevivência, mas na verdade, o que aconteceu não foi isso, pois aqueles que estavam à frente do povo, não souberam seguir verdadeiramente o ideal do governo, e fez com que tais governantes se achassem donos de tudo e com isso acreditavam que poderiam dominar aqueles a quem deveriam defender e ajudar.

Avelino, falando dos dois tipos de desigualdade presente entre os homens destaca que o governo por ser concebido como contrato entre o povo, faz esse mesmo povo aceitar livremente as normas estipuladas pelo governo, assim:

> Rousseau faz um relato das formas de governo em função do grau de desigualdade instituído na sociedade reconhecendo a monarquia, a aristocracia e a democracia. Segundo ele, nesses governos todas as magistraturas eram eletivas. Ao magistrado cabia utilizar o poder que lhe era confiado, segundo a intenção dos que confiaram nele. Mas, uma vez que este cargo tornou-se hereditário, os chefes passaram a considerar-se de meros funcionários, proprietários do Estado e a subjugar aqueles a quem deveria representar.
> (AVELINO, 2012, p. 11).

Esta deturpação da forma de governar, onde aquele que deveria representar os mais fracos se fez de opressor, e que ao invés de ajudá-los, na verdade fez com que sofressem mais ainda, fez com que a sociedade atual se "baseasse" em tal governo e o usasse da maneira como é visto hoje.

Partindo da ideia de governo, tem-se em mente que ele com certeza se preocupará em tratar todos iguais, por isso, o desejo pela igualdade entre os homens não é de forma alguma um pensamento novo do próprio homem, ele há tempos tenta remediar os males cometidos pelos antepassados, pois o que todos querem é viver uma vida plena e feliz sem males e sem sofrimento.

Assim, as teorias de igualdade apresentadas pelos mais diversos pensadores tornam-se verdadeiramente a prática daquilo que ninguém ousava falar, por isso, o fato é que mesmo que a obra de Rousseau não seja baseada em comprovações científicas, o importante é que seu estudo sobre a desigualdade levou muitos outros pensadores posteriores a ele, a refletir sobre a realidade em que viviam, sendo que nada começa de repente, e que as desigualdades existentes entre os homens também tiveram um começo, e foi a partir do próprio homem que seu sofrimento teve início, assim, mesmo que ele nunca quisesse estar da forma em que se encontra, o

fato de ter procurado sair de sua simplicidade e ter de todas as formas buscado sua evolução o fez consequentemente a ser desta forma em que nos vemos.

O desejo de igualdade entre todos os homens é intrínseco ao homem pois, por mais que seus pensamentos e valores estejam deturpados pela sociedade, ele de alguma forma direta ou indiretamente se preocupa em querer o bem ao seu próximo, por mais que estejamos corrompidos pelos mais diversos meios sociais. Nossa essência é a igualdade pois ninguém pode se achar melhor que os outros.

Não seria, pois, uma utopia pensar que todos um dia possam voltar a ser iguais? O homem pode realmente viver longe daquilo que aprendeu a conviver, como por exemplo, os bens? O que a sociedade precisa para que possa viver em harmonia?

Todos esses questionamentos são atuais e precisam ser refletidos, portanto se faz necessário uma total transformação no mundo em que vivemos, de modo que o homem se preocupe somente com aquilo que lhe traz felicidade, neste caso, uma felicidade que não está ligada apenas em ter e possuir algo, mas relacionada em fazer o bem aos outros, e assim, deixe o supérfluo de lado. Desta forma, assim como Rousseau, afirmamos que "esse não é o estado original do homem" por isso é preciso que nos esforcemos em fazer com que nossas ideias primárias voltem a nos guiar e que a partir disso possamos fazer com que a sociedade, que se tornou o cerne das calamidades humanas, possa ser um lugar onde reine a paz e a felicidade primeiras.

5 CONCLUSÃO

Na presente pesquisa procurou-se mostrar com mais detalhes a partir da reflexão da obra de Jean-Jacques Rousseau *A Origem da Desigualdade Entre os Homens*, qual deve ter sido a fonte dos males existentes na sociedade. A ideia apresentada visou colaborar com esta obra lançada no século XVIII e que influenciou muitos pensamentos acerca do homem e de sua forma de viver em sociedade.

A partir do entendimento do próprio homem, procurou-se neste trabalho, compreender quais as necessidades que o homem, ao longo da sua longa caminhada evolutiva, teve, pois depois de apresentar uma grande mudança no seu aspecto físico e social, já não mais teve muitas ligações com aquilo que era no passado, e desta forma esse mesmo homem tornou-se o que de fato é hoje: um ser literalmente social e dependente dos outros.

Assim, ao nos defrontarmos com a desigualdade, independente do seu campo de atuação pode-se compreender um pouco mais da realidade humana em todos os seus aspectos, pois ao longo de sua obra, Rousseau, procurou mostrar aos seus leitores qual a origem daquilo que é apresentado a todos na sociedade hoje, assim como os males e algumas virtudes derivadas da proximidade dos homens.

Para facilitar a compreensão, nosso filósofo procurou mostrar dois tipos de desigualdade existente entre os homens: a física, que é vista do ponto de vista da força, da saúde e da forma de vida que os homens levavam, e a desigualdade moral, que diz respeito a uma convenção autorizada pela maioria dos indivíduos, baseada no poder e na posse de bens, que antes eram comuns a todos e que agora se tornaram privados, assim também, como a autoridade sobre os mais fracos.

Com base nessas idéias, a intenção do nosso trabalho foi de colaborar para uma melhor compreensão da vida em sociedade, pois além de procurarmos compreender, é preciso buscar meios que ajudem os homens a viverem de forma igual entre si, fazendo com que essa idéia de igualdade não seja uma mera utopia.

REFERÊNCIAS

AVELINO, André Luiz. **Dos Dois Tipos de Desigualdades.** Disponível em < http://www.colegiomaxi.com.br/pdf/2012/resenha_Rousseau.pdf>. Acesso em 09 de setembro de 2013.

BITTAR, Eduardo C. B, **Curso de filosofia política.** São Paulo: Atlas, 2008, p. 199-205.

_____. **Curso de Filosofia do Direito.** 8. ed. (revisada e aumentada), São Paulo: Atlas, 2010.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem.** São Paulo: FTD, 1989.

FREITAS, Jacira de. **Linguagem natural e música em Rousseau: a busca da expressividade.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n1/v31n1a03.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2013, p. 57-64.

LEOPOLDI, José Sávio. **Rousseau- estado de natureza, o "bom selvagem" e as sociedades indígenas.** Disponível em: < http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf >. Acesso em : 03 de setembro de 2013.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia.** São Paulo: Ática, 2001, p.(

REALE, Giovanni. **História da Filosofia:** Do Humanismo a Kant. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A Origem da Desigualdade Entre os Homens**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 21-27. 2v. (Os Pensadores)

STANGROOM, Dr. Jeremy. **Pequeno livro das grandes ideias: Filosofia.** Trad. Silvio F. Antunha. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008, p. 66-67.

STAROBINSKI, Jeans.**Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo.** Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 366-430.
Falta a outra da internet